CULTURA E CONTRA-CULTURA

CÂNDIDO MORAIS

1.

garantida a proficiência de um mercado cultural, tornou-se um hábito estribar (ou pretender estribar) na cultura a consciência colectiva ou aquilo que dela resta depois de peneirada com eficácia e genuíno desplante por aqueles cujo dinheiro pode indiferentemente ser investido numa nova marca de soutiens ou na promoção de uma *nova* editora.

cultura não se forja nos livros nem se consuma na sua leitura atenta e veneradora. um livro é coisa onde se guarda, disfarçado de saber, um saber genuíno ou um que o não é. ainda assim, qualquer objecto cultural é um não-objecto para a cultura, ou, se quiserem, a cultura não é um objecto que se possua à maneira dos outros objectos, ao seu lado, e se cultura não é um objecto ou objectos, todos os chamados "objectos culturais" são puros inexistentes, e mercado cultural uma ficção que se vende.

a cultura poderá ser entendida como um constrangimento do olhar que ensina a ver assim ou assim os objectos que a ele se oferecem: enquanto fenómeno colectivamente produzido, é desprovida de arbitrário. nem sequer é fenómeno. é, talvez, aquilo que mais claramente constitui o homem ao conformá-lo à única de todas as posturas possíveis como ponto de partida para o seu deambular desperto por entre as coisas: aquela que fornecida da experiência passada conseguiu delinear uma trama de sentidos dados e recebidos.

essencialmente desprovida de conteúdo estético (mistura todos os sentidos) a cultura é substracto de qualquer estética. porque não uma estética da produção? porque não uma estética do mundo adolescente? ou mesmo uma estética da dissolução dos regimes políticos? ou mesmo uma meta-estética, qualquer coisa que só uma consciência compartimentada — e, por isso, difusa — pode apreender e degustar? mas não será que cultura é bem mais do que a antecâmara de todas as gozações "espirituais" a que um sector da sociedade se entrega, por disponível e talentoso, quando não dotado de génio?

o nascimento e preservação de uma nova consciência social e histórica são, concerteza, um facto de cultura. mas também o é a família monogâmica, o cesto de ir às compras, os calções pelos joelhos,

a calculadora de bolso, o "bom-dia", a pasta dentrífica, ou o valor atribuido a certas profissões, entre elas essa estranha coisa que é ser um "homem de cultura".

de tudo isto, creio lícito concluir que a cultura é uma invenção contra a cultura só possível pela ocultação abusiva do que esta seja, só uma definição rigorosa (porventura científica) da palavra poderia aproximar-nos do mundo que a cultura é como caldo onde as diferentes produções humanas não apenas se alimentam, mas são.

as diferentes culturas humanas são, portanto, já e sempre o único lugar que dá forma à emoção, tanto quanto às faculdades racionais do homem.

sendo a cultura o que na natureza encontra fundamento, há quem a imagine separada ou mesmo oposta a esta. daí a supor que só uns poucos são fautores, agentes de cultura, a distância não é grande. estes últimos surgiriam, então, como uma consciência e uma capacidade de sentir potenciadas e confirmadas na sua dignidade sabe-se lá por obra e graça de que entidade. sabe-se que os processos de homogeneização cultural e ideológica de uma sociedade se desenvolvem tanto de baixo para cima como de cima para baixo. mas no topo, a conclusão com o poder é tanto mais intensa quanto o poder não é coisa que se exerça também numa só direcção. aí se produz, por maioria de razão, o que poderíamos chamar a "falsa consciência" do agente cultural. este vive a constante ilusão de que pode transfigurar o mundo. não quer dizer que o não possa, que o não saiba ou que o não deva fazer. simplesmente, na maior parte dos casos, há muito esqueceu ou nunca soube que o mundo (a cultura, um certo universo de sentido) soube prefigurá-lo à medida de uma sensibilidade que não é apenas sua. o agente cultural, o artista, o filósofo, o cientista, querem

realizar uma tarefa — mas ao ganhar uma tal consciência acabam frequentes vezes a fazer o pino sobre tudo aquilo que é originário e constitutivo. um gesto só o é se "eu" o disser, um som só o é se "eu" o ouvir, o belo, o novo, o importante apenas se "eu" o entender.
suponho que a natureza é fundamento de cultura, e sabendo-se que aquela tem tanto de espontâneo como de harmónico e desordenado, podemos entender esta essencialmente como um legado de situações a descobrir. o facto é que, por trás da situação, existe a tendência para inventar/ /inventariar problemas.
esta torsão que transforma a situação em problema é isomorfa da que transforma o poder em questão outra, diversa, de utilização avulsa, ou, enfim, da que transforma os vários modos que a cultura tem de se manifestar em motivo de desvairadas glosas em múltiplas academias.
o "direito à cultura", por exemplo, não podendo ser o direto a algo que já se tenha, ou não caberia afirmá-lo, é com toda a nitidez, mais uma obrigação contraída socialmente do que um verdadeiro direito. na realidade, quando se fala do acesso à cultura, pensa-se nomeadamente no aparelho de ensino ou em órgãos de "comunicação social" especialmente qualificados para desempenhar tarefas educativas. cultura confunde-se, então, na pior das hipóteses, com instrução. a situação em portugal é particularmente significativa no que a esta questão diz respeito.

2.

Relevando a cultura de um saber colectivamente adquirido e colectivamente aceite, mas, mais, colectivamente exercido, sedimenta-se e evolui através das alterações dessa prática que logrem acrescentar esse saber.

Sabido que é que as vanguardas só afectam a cultura quando o deixam de o ser, isto é, quando a sua prática, penetrando a cultura, ganha dimensão social, resulta descabido que se utilizem termos como, por exemplo, contra--cultura.

Todas as práticas que, deliberada ou casualmente, colidam com a cultura, têm na história duas gavetas: ou produzem uma cultura outra que, de comum com a corrente ou oficial, tem apenas o ponto de partida (poderíamos então falar, com muito mais propriedade de sub-cultura ou cultura/marginal), ou se integram na cultura corrente, participando-a e transformando-a (o mecanismo elementar de evolução da cultura).

Parece-nos assim que uma prática de contra-cultura só na inactividade é possível, na ausência de prática, donde contra-cultura nos parece coisa verdadeiramente impraticável.

Já no que diz respeito à arte, entendendo como tal aplicação determinada da cultura na produção de objectos, i. e., o estabelecimento material de uma relação com a cultura (numa amplitude de variantes que pode ir do enaltecimento à agressão), o caso se nos afigura diferente.

Mas para que a arte, a "contra-arte", se libertasse da cultura, teria forçosamente de identificar-se com a natureza, perdendo nesse salto a faculdade de produzir objectos (a menos que a natureza entretanto seja a tal ponto degradada que a obtenção de um fruto ou um legume pela via biológica normal, por exótica, possa vir a tornar-se numa prática de arte — ou de contra arte, na sequência do que vinhamos dizendo), confinando-se à inactividade, tal como uma hipotética contra-cultura.

Explicitando: entendemos por arte, a produção de objectos que visem participar o mundo, transformando-o, através da aplicação de uma linguagem (que pode ser preexistente ao objecto e, como tal, um dado cultural, ou poderá o objecto artístico ser simultaneamente gerador de uma nova linguagem). Neste segundo caso, em que o objecto artístico explicita uma linguagem sem referenciação cultural anterior, o esforço de transformação do mundo que o objecto integra radica antes de mais na pretensão de que essa linguagem seja assimilada pela cultura, se lhe acrescente.

Em qualquer caso, a cultura é cumulativa e irreversível, o que não significa que seja estática — ainda quando é conservadora.

Assim, qualquer sub cultura ou cultura marginal estabelece-se sempre no horizonte da cultura corrente. Uma contra cultura autêntica suporia uma desaculturação prévia não só dos seus fautores como dos seus destinatários potenciais, o alijamento de aspectos amplos e muito variados da herança cultural recebida.

Herança cultural e hereditariedade genética confundem-se e interpenetram-se. Não é possível já, idealizar uma nova cultura em corte abrupto com a cultura corrente, salvo no salto optativo de uma para outra das formas culturais existentes, por aculturação, e mesmo nestes casos com as limitações que lhe são reconhecidas.

Tal corte, para ser possível, exigiria um grande número de mutações, extensivo até, por exemplo, aos hábitos alimentares. Mas não apenas aos hábitos alimentares.

Contra cultura, então, com que instrumentos?

São hoje conhecidos a maior parte, senão a totalidade dos factores de sedimentação cultural. Sabe-se ainda que existe correlação e determinismo entre esses factores e os modelos culturais resultantes. Assim, o clima — e com este a alimentação — as actividades económicas, a concentração demográfica, a estrutura gâmica, etc., etc., a conjugarem-se de forma semelhante produzirão modelos culturais semelhantes — a que poderemos chamar isoculturas ou culturas isomórficas.

Marx justificou o Geist de Hegel, dando-lhe como causa primacialmente determinante o modo de produção. Mas, mesmo uma interpretação marxista, exigiria a transformação prévia da sociedade como condição de sobreveniência de uma nova cultura.

Porque — e isto é sobremaneira importante — é forçoso reconhecer que a cultura procede de uma praxis, a cultura é (re)conhecimento social que só o próprio caudal da vida poderá decantar.

Contra-cultura, então, como? A dentro dos modos de produção que determinaram a estratificação das culturas existentes? (Este seria o repto marxista). Mas há mais:) E o ordenamento territorial, a concentração urbana e consequente pressão demográfica? E a mesma alimentação? E a mesma estrutura gâmica? E, e?

Ora, há que reconhecer que os profetas do imobilismo têm alguma razão quando dizem que a cultura que é a cultura que tem que ser. Porque muitos dos factores determinantes da cultura são hoje, de facto, irreverssíveis. Não se poderá mais optar, por exemplo, entre uma economia de recolecção ou agrícola. Não se poderá optar mais entre a caça-captura e a pecuária, como não se poderá optar entre uma pesca de subsistência e a pesca intensiva. Todas estas opções deixaram, há muito, de existir e, só

isso, constitui determinante isocultural suficiente entre as evoluções culturais possíveis no futuro e as culturas correntes actuais. Mais: qualquer cultura do futuro não só irá depender da domesticação de animais e plantas, pressões demográficas mais ou menos semelhantes às actualmente conhecidas, regimes alimentares basicamente semelhantes, como não irá usar técnicas que não sejam resultado da evolução natural das já conhecidas para a concretização da vida nesses domínios.

Contra cultura surge-nos assim, e não hesitamos em classificá-la, como uma simples fraude conceptual. Sempre que alguém persiste em desenterrar o termo, fá-lo com a convicção de que a cultura é um fenómeno parcelar da vida e do conhecimento, um feudo de que pode dispor a seu bel prazer.

Por-se-á a questão da inferência da ideologia na cultura o que, sendo a cultura, por definição, social, remete para o jugo da ideologia dominante sobre a cultura.

Neste domínio, a cultura é justamente a expressão acabada da eficácia da ideologia; exprime até que ponto a ideologia dominante logra ser ideologia dos dominados. Contudo, não se confundem, cultura e ideologia. Mais: a cultura revela a faixa da ideologia dominante que "não cola". Na ideologia inscreve-se uma factualidade: o desejo do domínio. Na cultura, inscrevem-se bem diversamente as margens de consentimento e a resistência que esse mesmo domínio suscita (coexistentes, como se sabe).

Como lutar então contra a ideologia dominante, no plano cultural?

Primeiramente, parece-nos indefensável qualquer hipótese de cultura marginal. Óbvio: as vanguardas são-no sempre de qualquer coisa, além de que raramente gostam do nome quando o merecem. Portanto, não passará pela cabeça de ninguém (creio) constituir a vanguarda de coisa alguma sem rectaguarda (há até a anedota da largartixa).

Proliferaram nos últimos decénios as tentativas de desatracagem da cultura consolidada, nomeadamente no que respeita à supressão dos seus efeitos de contenção e domesticação, social, estética, emocional.

Contudo, é sabido como mesmo antes da assimilação (o único fim constatado nas experiências conhecidas) o exótico, o que exacerbadamente entra em ruptura com a regra, a colmata, recobrindo-lhe as fendas, obviando às correcções estratégicas dessa regra, exercendo, por último, a função regeneradora que a regra colhe da excepção.

O vanguardismo supõe e exige, pois, uma prática socialmente inserida, a aceitação da infamada herança cultural (infamada, entenda-se que sem desrazão, mas também sem consequências), com as suas cargas, as suas cangas, os seus fossos.

Quanto à importância e necessidade das vanguardas, não iremos aqui e por agora, descrer, já que toda a gente parece reconhecer-lhes as vantagens, incluindo os mais retrógrados, mas para finalizar a tirada que já vai longa, deixaremos aqui a resposta que ouvimos a um camponês de Mação, quando lhe perguntámos o que faria se se encontrasse no fundo de uma cratera de dez mil metros:

"Ora, o que é que havia de fazer? Das duas, uma: ou juntava terra para fazer montes e pastar o gado lá no fundo, ou punha a terra toda numa borda, a fazer rampa para sair de lá". ●

BIBLIOTECA DE HISTÓRIA
Dir. de Alfredo Margarido

O DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO EM PORTUGAL NO SÉCULO XIX
Manuel Vilaverde Cabral — 2ª. ed., 362 pág.

A LUTA DE CLASSES EM FRANÇA NA PRIMEIRA REPÚBLICA, 1793-1795 (Bourgeois et Bras Nus)
Daniel Guérin, 288 pág.

ENSAIOS SOBRE A REVOLUÇÃO FRANCESA
François Furet, 144 pág.

A SOCIEDADE E A ECONOMIA PORTUGUESAS NAS ORIGENS DO SALAZARISMO (1917-26)
Fernando Medeiros, 424 pág.

a publicar
PORTUGAL NA ALVORADA DO SÉC. XX

BIBLIOTECA DE FILOSOFIA
INVERSO

VINTE E NOVE POEMAS
João Miguel Fernandes Jorge

AQUELE QUE QUER MORRER
Manuel António Pina, 56 pág.

ANTÓNIO PALOLO
Joaquim Manuel Magalhães

CONVERSAÇÕES COM DIMITRI E OUTRAS FANTASIAS
Augustina Bessa Luis

TROCAR DE ROSA
Eugénio de Andrade

RJ A Regra do Jogo, Edições, Lda.
Rua Sousa Martins, 5-2.º Dt.º — 1000 Lisboa